

# Rhodes crê em concessões dos bancos

**Nova Iorque** — O coordenador da renegociação da dívida brasileira, William (Bill) Rhodes, do Citibank, anunciou ontem que, se continuar havendo progresso no programa de ajuste econômico do Brasil, "os bancos credores não terão dúvidas em considerar condições melhoradas, incluindo na fixação do preço para as futuras necessidades financeiras do Brasil, como ocorreu com o pacote financeiro aprovado para o México".

O anúncio de Rhodes foi feito por ocasião da liberação da terceira parcela de 875 milhões de dólares de um total de 6,5 bilhões, assinados entre o Brasil e os bancos no início do ano (crédito **jumbo**). A liberação do dinheiro (ainda há duas parcelas a receber até o final do ano) e as promessas de "considerar" melhores condições para o Brasil foram feitas num dia em que as ações de todos os grandes bancos dos EUA continuaram em queda na Bolsa de Valores de Nova Iorque, devido ao temor de que a Argentina não pague 500 milhões de dólares em juros atrasados, no dia 30 de junho.

## Nervosismo

— A Argentina é a Arábia Saudita dos endividados e quando a questão de

sua dívida explodir, vão sobrar respingos pra todo lado — previa ontem, sombrio, um analista de mercado. Os banqueiros também estavam preocupados com uma informação publicada no **Wall Street Journal**, prevendo grandes perdas para os bancos caso a Argentina não pague. Somente o Manufacturers Hanover (o banco mais "exposto" na Argentina), segundo a estimativa publicada e atribuída ao First Boston Corporation, perderia 1,25 dólar por ação, e teria uma redução em seus ganhos da ordem de 60%.

As vésperas de uma nova "data-limite" para a Argentina e diante de episódios recentes com a quase quebra do banco Continental Illinois e os problemas com as ações do Manufacturers Hanover, o mercado financeiro está mais nervoso do que em 30 de março, quando a Argentina conseguiu pagar seus juros atrasados devido a uma operação de resgate montada, à última hora, pelos EUA, Brasil, México, Colômbia e Venezuela, além de bancos comerciais.

Desta vez a Argentina está se prontificando a pagar os 500 milhões de atrasados, mas só pretende usar 375 milhões de seu próprio dinheiro e conseguir mais 125 milhões através de bancos.

Ocorre que os bancos estão relutantes em emprestar essa quantia sem um acordo entre a Argentina e o FMI (o que é considerado impossível pela quase totalidade dos analistas de mercado, devido à posição "dura" dos platinos, que não aceitam as medidas de austeridade exigidas pelo organismo internacional). Sem acordo, vai ser difícil haver dinheiro.

Analistas financeiros estimam que haverá perdas, embora não tão sérias. As ações do Manufacturers Hanover poderão cair 50 centavos cada (em lugar do 1,15 dólar estimado pelo **Journal**), mas isso sobre um preço por volta dos 3 dólares por ação, caso a Argentina não pague.

O Chase poderá perder 35 centavos de dólar por ação. Cada ação do Morgan declinará 30 centavos. O próprio Citibank estimou que sua queda ficaria próxima aos 4 centavos por ação, com um prejuízo de 2,5% em seus ganhos do segundo trimestre. O Bank of America e o Bankers Trust poderão ter um prejuízo de 3 centavos por ação.

**FRITZ UTZERI**